

PERCEPÇÃO DE BARREIRAS DA CARREIRA EM ADOLESCENTES  
PORTUGUESES

Paulo Cardoso  
(Universidade de Évora)

Contacto:

Paulo Cardoso  
Departamento de Psicologia  
Universidade de Évora  
Apartado 94  
7000- Évora  
PORTUGAL

*Tel.:* +351 266 768 050

*Fax:* +351 266 768 077

*E-mail:* [pmsc@uevora.pt](mailto:pmsc@uevora.pt)

**Publicação:**

Cardoso, P. (2007/2008). Percepção de barreiras da carreira em adolescentes portugueses. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 40, 141-161.

### **Resumo**

Este estudo teve como objectivo analisar a percepção de barreiras da carreira num grupo de adolescentes portugueses. A 1005 estudantes, 488 frequentando o 9º ano (idade média de 14.5 anos) e 517 o 12º ano de escolaridade (idade média 17.5 anos), foi dado a preencher um questionário de dados demográficos e o Inventário de Percepção de Barreiras - Revisto (IPBC-R). Os resultados obtidos evidenciam que a generalidade dos participantes considera os *numerus clausus* no acesso ao ensino superior, a precariedade dos vínculos laborais ou a falta de emprego as mais importantes barreiras ao seu desenvolvimento da carreira. Para alguns, acresce a percepção de barreiras específicas ao grupo social de pertença. Os resultados são discutidos tendo em conta as suas implicações para a prática da psicologia vocacional.

Palavras chave: barreiras da carreira, desenvolvimento da carreira, adolescentes.

### **Abstract**

The purpose of this study was to analyse the perception of career barriers in Portuguese adolescents. Both an inquiry of demographic data and the Perception of Career Barriers Inventory-Revised were administered to a sample of 1005 Portuguese students, 488 from grade 9 (age mean 14.5 years old) and 517 from grade 12 (age mean 17.5 years old). Results reveal that the most important barriers to their career development are: *numerus clausus* in high school to higher education transition, employment precariousness and unemployment. Participants from particular social groups had also specific perceived barriers to career development. These findings are discussed in terms of their practical implications.

Key words: career barriers, career development, adolescents.

## PERCEPÇÃO DE BARREIRAS DA CARREIRA EM ADOLESCENTES PORTUGUESES

### **Introdução**

A adolescência é uma fase do ciclo de vida em que muito do desenvolvimento humano é estruturado e do futuro vocacional se joga. Gradualmente, o papel de trabalhador vai ganhando importância relativamente aos restantes papéis da carreira (Pires, 2003; Vale, 1997), perspectivando-se como importante factor de realização pessoal, abrindo novos espaços para a expressão do conceito de si próprio e à concretização da autonomia desejada. Também é um período em que a crescente maturidade psicológica faz sentir as tensões entre o sonho e a realidade, aumenta a consciência de que os caminhos a percorrer exigem lidar com múltiplas barreiras, implicando, por vezes, recuar ou seguir caminhos que não estavam previstos (Pais, 2003).

Resultado de dinâmicas de transformação económica, tecnológica, social e política, as carreiras deixaram de ser uma sequência previsível de fases, num percurso escolar e profissional marcado pela segurança e estabilidade, para tenderem a ser pautadas por mudança e imprevisibilidade (Guichard & Huteau, 2001; Hall & Mirvis, 1995; Sullivan, 1999). Este padrão surge na lógica das economias globalizadas, em que a competitividade das organizações, assente na redução de custos, no aumento da produtividade e na flexibilização do trabalho, conduz, muitas vezes, à diminuição do número de pessoas com emprego fixo. Esta realidade, se por um lado permite novas oportunidades, por outro também leva ao aumento do número de desempregados ou dos que vivem situações profissionais precárias (Beck, 2005; Pais, 2003). Nestes contextos, os jovens, as mulheres e as populações diferenciadas quanto à sua condição étnica, racial, económica e de saúde, estão na primeira linha de virem a confrontar-se com estes obstáculos ao seu desenvolvimento da carreira. O caso português é ilustrativo, pois, no ano de 2005, cerca de 70% dos novos empregos eram precários, a taxa de desemprego atingiu os 7.7% da população activa, sendo maior nas mulheres (8,9%) do que nos homens (6,7%), enquanto que os jovens à procura do primeiro emprego eram o segmento mais afectado, com um acréscimo relativo de mais de 40% (Instituto Nacional de Estatística, 2005). Esta tendência manteve-se em 2007, com a taxa de desemprego a subir para os 8.3% da população activa, sendo maior nas mulheres (10.3%) do que nos

homens (6,5%) e nos jovens com menos de 25 anos (17,5%) do que nos desempregados com idade superior (7,3%) (EUROSTAT, 2007). Acrescente-se que entre 1996 e 2005 o crescendo dos níveis de escolarização foi acompanhado pela quadruplicação dos jovens desempregados com formação académica superior (Ferreira, 2006).

Independentemente do drama pessoal, este quadro social coloca desafios a todos os níveis da sociedade no sentido da maximização dos recursos humanos tão necessários ao desenvolvimento do país. No âmbito da psicologia vocacional um contributo é dado pelos estudos sobre percepção de barreiras da carreira. Neste caso, a análise das representações que os indivíduos têm dos obstáculos ao seu desenvolvimento da carreira e das estratégias que utilizam para lidar com os mesmos permitem indicadores que podem contribuir para a estruturação de intervenções promotoras de atitudes e comportamentos facilitadores da gestão da carreira bem como da igualdade de oportunidades (Cardoso, 2006). A aplicabilidade destas investigações, inicialmente muito centradas nas especificidades da carreira das mulheres, justificou que se tenham alargado a outras populações e contextos. Assim, actualmente, é possível encontrar estudos sobre a percepção de barreiras da carreira em grupos etnicamente minoritários (Burlew & Johnson, 1992; Cardoso & Ferreira Marques, 2005; Gomez, Fassinger, Prosser, Cooke, Mejia, & Luna, 2001; Jackson & Nutini, 2002; Juntunen, Barraclough, Broneck, Seibel, Winrow & Morin, 2001; Luzzo, 1993; Luzzo & McWhirter, 2001), em pessoas portadoras de deficiência (Fabian & Liesener, 2005) e em variados contextos, de que os trabalhos na indústria alimentar (Doss, 2000), nos serviços de bibliotecas (McDermott, 1998), bem como à participação em actividades sindicais (Bulger & Mellor, 1997) e em programas de formação num departamento de ciências da computação (Scragg & Smith, 2003) são exemplos dessa diversidade.

As investigações em adolescentes frequentando o ensino secundário são em menor número. Os resultados mostram que, desde cedo, os adolescentes têm representações dos obstáculos à sua carreira (Creed, Patton & Bartrum, 2004; Hill, Ramirez, & Dumka, 2003; McWhirter & Hackett, 1997), que se acentuam com a idade (Cardoso, 2006) e estão negativamente associados a índices comportamentais e atitudinais de envolvimento com a escola e com a percepção que têm da sua carreira no futuro (Kenny, Blustein, Chaves, Grossman & Gallagher, 2003). Outro padrão evidenciado é que, como nos adultos, as representações dos adolescentes quanto aos obstáculos à sua carreira reflectem especificidades do grupo de pertença: 1) os indivíduos do género feminino têm habitualmente resultados mais elevados do que os

do género masculino nas diferentes escalas de avaliação da percepção de barreiras da carreira (Cardoso, 2006; Cardoso & Ferreira Marques, 2001); 2) a discriminação sexual e o conflito de papéis são tipos de barreiras que tendencialmente diferenciam significativamente rapazes e raparigas, enquanto que a discriminação étnica é o tipo de barreira que se pode considerar específica dos jovens etnicamente minoritários (Cardoso, 2006; Cardoso & Ferreira Marques, 2001).

O objectivo deste estudo é analisar a percepção de barreiras da carreira num grupo de adolescentes portuguesas frequentando os 9º e 12º anos de escolaridade. Integra-se num projecto mais abrangente de investigação da percepção de barreiras da carreira em adolescentes portuguesas, em que pretendemos: 1) desenvolver uma medida da percepção de barreiras da carreira em adolescentes portuguesas, com solidez psicométrica; 2) caracterizar a percepção de barreiras de adolescentes vivendo dois importantes momentos de transição no sistema educativo português; 3) analisar processo psicológicos implicados na gestão das barreiras da carreira; 4) estabelecer pontes entre o comportamento vocacional dos adolescentes e as suas experiências escolares (Cardoso, 2006; Cardoso & Ferreira Marques, 2001; 2007; no prelo).

## **Método**

### **Participantes**

Participaram nesta investigação 1005 jovens, 221 (22%) frequentando escolas secundárias do distrito de Évora e 784 (78%) do distrito de Setúbal. Na amostra total, 583 (58%) eram raparigas e 422 (42%) rapazes. Na amostra total, as suas idades variavam entre os 13 e os 23 anos, sendo de 16 anos a média para rapazes e raparigas. Dos participantes, 962 (95.7%) eram Euro-Portugueses brancos e 43 (4.3%) Afro-Portugueses pretos. Tendo em conta o nível de escolaridade dos participantes, 488 (48,6%) frequentavam o 9º ano (idade média de 14.5 anos) e 517 (51,4%) o 12º ano (idade média de 17.5 anos).

### **Medidas**

*Dados demográficos* - Para caracterização dos participantes utilizou-se um questionário de dados demográficos com informação relativa a idade, género, etnia, escolaridade, naturalidade e profissão dos pais. A etnia dos participantes era definida a partir da conjugação dos indicadores: naturalidade do próprio, do pai, da mãe e registo da cor da pele, posterior ao preenchimento dos questionários. Incluíram-se ainda três

itens relativos ao sucesso escolar, ao nível de aspiração e ao grau de definição de objectivos, por se considerarem variáveis que podem influenciar a percepção de barreiras e também permitirem o estabelecimento de uma estreita relação entre o desenvolvimento académico e o vocacional. O sucesso escolar operacionalizou-se em quatro alternativas de resposta (4 = "Nunca reprovei", 3 = "Reprovei um ano", 2 = "Reprovei dois anos" e 1 = "Reprovei mais que dois anos") e o nível de aspiração escolar em outras tantas possibilidades de resposta (1 = "Desejo começar a trabalhar após o 9º ano", 2 = "Após o 12º ano", 3 = "Após um curso superior de três anos" e 4 = "Após um curso superior de quatro a cinco anos"). Quanto aos planos da carreira, os jovens deveriam indicar, numa escala de cinco pontos (de 1 = "Nunca tinha pensado nisso" a 5 = "Tenho objectivos definidos e sei como realizá-los"), em que medida pensaram ou estabeleceram objectivos relativamente ao tipo de profissão que gostariam de ter quando acabassem os estudos.

*Percepção de barreiras* - a medida deste construto fez-se com a aplicação da versão revista do Inventário de Percepção de Barreiras da Carreira (IPBC-R: Cardoso & Ferreira Marques, 2007). Este instrumento, dirigido a adolescentes, avalia um vasto universo de barreiras da carreira a partir de 74 itens organizados em 11 escalas: *Discriminação Geral, Discriminação Sexual, Discriminação Étnica, Falta de Suporte, Saúde, Conflito de Papéis, Restrição de Oportunidades, Indecisão, Limitações na Formação, Falta de Confiança, Falta de Interesse*. Aos participantes é pedido que assinalem, numa escala de sete pontos (1 - "Não dificultará de modo nenhum" a 7 - "Dificultará completamente"), o grau em que cada barreira dificulta a progressão na carreira. Os itens referem-se a barreiras que podem surgir em diferentes momentos e contextos, tais como, tomar decisões da carreira, entrada no mundo do trabalho após estudos superiores, desempenho profissional, discriminação no trabalho e relação família-trabalho. Nesta investigação, as escalas do IPBC-R permitiram resultados com bons índices de precisão (alfa de Cronbach) entre .75 e .92, e bons coeficientes de correlação teste-reteste, para um intervalo de quatro semanas, entre .72 e .85. No mesmo sentido vão os indicadores da homogeneidade das escalas pois os diferentes itens destas revelaram sempre correlações mais elevadas com o total da sua escala (validade convergente) do que com o total das restantes (validade discriminante) e as correlações médias inter-itens, nas escalas são maiores que .20 e menores que .50, para os dados da presente investigação. Os estudos sobre a estrutura factorial do IPBC-R, através de análise factorial em componentes principais, ao nível dos itens, com posterior rotação

Varimax, revelaram uma estrutura de sete factores, explicando 56% da variância dos resultados. As correlações entre os factores, de médio a elevado, e a análise factorial dos mesmos, evidenciando uma estrutura unifactorial, apontam para a possibilidade do IPBC-R ser uma medida genérica da percepção de barreiras.

## Resultados

### *Intercorrelações das variáveis demográficas entre si e com os resultados das escalas do IPBC-R*

A matriz de intercorrelações para as variáveis demográficas é apresentada no quadro 1. Os resultados evidenciam que, na amostra total, o sucesso escolar tende a diminuir com o aumento da idade. No entanto, tal não significa que haja mais sucesso escolar entre os participantes do 9º ano, como evidencia o índice da correlação entre sucesso escolar e nível de escolaridade. Também são esclarecedores os índices de correlação que envolvem os níveis de aspiração, o grau de definição dos objectivos e a

*Quadro 1*  
*Matriz de intercorrelações das variáveis demográficas (N = 1005)*

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>1. Idade</b>	-								
<b>2. Género</b>	.02	-							
<b>3. Escolaridade</b>	.82**	.08*	-						
<b>4. Profissão do pai</b>	.05	.08*	-.04	-					
<b>5. Profissão da mãe</b>	.01	.05	-.07*	.38**	-				
<b>6. Sucesso escolar</b>	-.47**	.09**	.01	-.14**	-.13**	-			
<b>7. Níveis de aspiração</b>	-.08*	.10**	.15**	-.22**	-.24**	.39**	-		
<b>8. Grau definição de objectivos</b>	.13**	-.02	.15**	-.03	-.04	.01	.09**	-	
<b>9. Satisfação com os estudos</b>	-.12**	.13**	-.02	-.07*	-.07*	.23**	.24*	.15**	-

\*  $p < 0.05$ ; \*\*  $p < 0.01$

satisfação dos participantes com os estudos frequentados. Os níveis de aspiração tendem a ser maiores para as raparigas, para os participantes do 12º ano, para os jovens com estatuto socioeconómico mais elevado e para os participantes com mais sucesso escolar. Por sua vez, o grau de definição dos objectivos da carreira tende a aumentar com a idade, com a escolaridade e com os níveis de aspiração. Finalmente, o grau de satisfação com os estudos relaciona-se de forma mais significativa com o sucesso escolar e com maiores níveis de aspiração.

No quadro 2 apresenta-se a matriz de intercorrelações das variáveis demográficas com os resultados das escalas do IPBC-R. Nele é possível constatar três tipos de resultados: 1) a generalidade dos índices de correlação não é significativa; 2) o

grau de definição dos objectivos correlaciona-se negativamente com a generalidade das barreiras que o IPBC-R avalia; 3) a indecisão da carreira, enquanto barreira, tem a correlação negativa mais significativa com o grau de definição dos objectivos.

*Quadro 2*  
*Matriz de intercorrelações das variáveis demográficas e das escalas do IPBC-R (N = 1005)*

Variáveis	Idade	Gén.	Escol.	P. pai	P. mãe	Suces.	Aspi.	Object.	Satisf.
<b>1. Discriminação Geral</b>	.01	.07*	.01	.03	.05	.01	.02	-.08*	-.01
<b>2. Discriminação Sexual</b>	.04	.22**	.05	.05	.05	.02	.01	-.09**	.04
<b>3. Discriminação Étnica</b>	.03	.05	.01	.04	.05	.01	.00	-.06	.02
<b>4. Falta de suporte</b>	.07*	.03	.07*	.07*	.06*	.01	-.02	-.11**	-.06
<b>5. Saúde</b>	.06	.06*	.07*	.01	.01	.04	.04	-.02	.02
<b>6. Conflito de Papéis</b>	-.02	.05	.02	.00	-.02	.07*	.04	-.08*	-.02
<b>7. Restrição de Oportunidades</b>	.11**	.07*	.11**	.04	.01	.00	-.05	-.14**	-.07*
<b>8. Indecisão</b>	.05	.06*	.05	.05	-.01	.01	-.06	-.31**	-.15**
<b>9. Limitações na Formação</b>	.08*	.08*	.07*	.08*	.05	.03	-.03	-.13**	-.09*
<b>10. Falta de Confiança</b>	.05	.02	.04	.05	.02	.01	-.05	-.12**	-.12**
<b>11. Falta de Interesse</b>	.02	.01	.02	.01	-.03	.02	-.01	-.13**	-.09*

\* p< 0.05; \*\* p<0.01

*Diferenças entre grupos na percepção de barreiras*

*Hierarquia dos itens com médias de resultados mais elevados*

Procurando esclarecer quais as barreiras que os jovens consideram mais frequentes ou a que atribuem maior grau de dificuldade, identificaram-se, na amostra total e nas subamostras por género e nível de escolaridade, os sete itens com o resultado médio mais elevado. Este número restrito de itens, 10 % do total do inventário, foi obtido através daqueles cujas médias de resultados tendem a ser mais elevadas, independentemente das subamostras consideradas.

*Quadro 3*  
*Hierarquia dos itens, por género e nível de escolaridade, na amostra total. Médias e desvio padrão*

Ordem na hierarquia dos itens	Feminino		Masculino		9º ano		12º ano		Total						
	Item	M	DP	Item	M	DP	Item	M	DP	Item	M	DP			
1º	65	4.03	2.03	44	3.54	2.13	46	3.63	2.15	44	4.01	2.15	44	3.74	2.14
2º	44	3.88	2.14	62	3.43	1.93	44	3.44	2.10	62	3.80	1.94	62	3.57	1.95
3º	62	3.67	1.96	46	3.36	2.15	28	3.40	2.10	55	3.60	1.73	46	3.52	2.17
4º	46	3.64	2.18	55	3.35	1.81	65	3.36	2.39	22	3.57	1.80	55	3.46	1.78
5º	55	3.54	1.76	28	3.24	2.02	62	3.33	1.94	28	3.44	1.91	28	3.42	2.03
6º	28	3.53	2.04	43	3.22	1.74	55	3.30	1.82	46	3.43	2.20	22	3.31	1.81
7º	22	3.40	1.81	22	3.20	1.80	68	3.22	2.00	12	3.39	2.19	65	3.29	2.32

A análise do quadro 3 permite constatar que o item 44 "Não ter as classificações escolares que me permitam frequentar o curso que desejo"; item 62 "Ter contratos de



trabalho precários (por exemplo, trabalhar sem contrato, com contratos temporários sem carreira definida, etc.); item 46 "Ter um horário de trabalho incompatível com os meus horários escolares"; item 55 "Doença de familiares interferir com o trabalho/carreira"; item 28 "Não ter serviços onde possa deixar as crianças enquanto trabalho"; item 22 "Não ter oportunidades de progressão na profissão" e item 65 "Ser alvo de assédio sexual no trabalho" são as barreiras da carreira mais consideradas pelos participantes independentemente do género e do nível de escolaridade. Estes resultados mostram a presença de um conjunto de representações sobre as limitações ao desenvolvimento da carreira, que se estruturam precocemente e se mantêm até final do ciclo de estudos. Entre estas, as limitações no acesso ao ensino superior e a precariedade dos vínculos laborais são as barreiras mais consideradas.

Independentemente deste padrão, verificamos algumas barreiras que são específicas a cada uma das subamostras: as raparigas esperam vir a "ser alvo de assédio sexual no trabalho" (item 65), os rapazes temem vir a "ter uma agenda de trabalho pouco flexível que interfere com as minhas responsabilidades familiares" (item 43), os participantes do 9º ano consideram "ter filhos num "mau momento" dos meus planos de carreira" (item 68) e os que frequentam o 12º ano referem "não gostar do trabalho que faço" (item 12).

#### *Diferenças de género*

Entre os jovens do 9º ano, a percepção de discriminação sexual é a única barreira em que rapazes e raparigas se diferenciam significativamente. Nesta escala, a diferença entre as médias dos resultados é favorável às raparigas  $F(1, 486) = 17.39, p < 0.01, \omega = .18$ . Nas restantes escalas do IPBC - R, as raparigas evidenciam médias de resultados superiores aos rapazes.

Na subamostra dos alunos do 12º ano, o padrão de resultados é muito semelhante ao dos jovens do 9º ano. As raparigas continuam a ter médias de resultados superiores aos rapazes, na generalidade das escalas do IPBC-R, e registaram-se diferenças significativas na escala de *Discriminação Sexual*,  $F(1, 515) = 34.43, p < 0.01, \omega = .25$ , e na escala de *Discriminação Geral*,  $F(1, 515) = 4.32, p < 0.01, \omega = .09$ . Neste nível de escolaridade, as formas de discriminação sexual mais esperadas pelas raparigas são: "Ser alvo de assédio sexual no trabalho",  $F(1, 486) = 64.92, p < 0.01, \omega = .34$ , "As pessoas do sexo oposto serem mais frequentemente promovidas do que pessoas do meu sexo" (item 59),  $F(1, 486) = 9.17, p < 0.01, \omega = .13$ , e "Ter um padrão ou superior

hierárquico com atitude negativa face a pessoas do meu sexo" (item 34),  $F(1, 486) = 4.86, p < 0.05, \omega = .09$ .

Por sua vez, no 12º ano, as formas de discriminação sexual mais esperadas pelas raparigas, são: "Ser alvo de assédio sexual no trabalho",  $F(1, 515) = 107.77, p < 0.01, \omega = .41$ , "Ser alvo de discriminação sexual na procura de emprego",  $F(1, 515) = 19.39, p < 0.01, \omega = .19$ , "As pessoas do sexo oposto serem mais frequentemente promovidas do que pessoas do meu sexo",  $F(1, 515) = 16.97, p < 0.01, \omega = .17$ , "Ser discriminado pela entidade patronal porque tenho ou planeio ter filhos",  $F(1, 515) = 5.51, p < 0.05, \omega = .17$ , "Ter um patrão ou superior hierárquico com atitude negativa face a pessoas do meu sexo",  $F(1, 515) = 5.48, p < 0.05, \omega = .17$ , e "Haver falta de oportunidades para pessoas do meu sexo em áreas não tradicionais (por exemplo, engenharia para mulheres, educador de infância para homens)",  $F(1, 515) = 4.05, p < 0.05, \omega = .08$ .

As formas de discriminação geral que as raparigas do 12º ano referem significativamente mais do que os rapazes do seu nível de escolaridade são: "Ser discriminado no acesso ao emprego devido à idade",  $F(1, 515) = 5.27, p < 0.05, \omega = .09$ , e "Ser discriminado no acesso ao emprego devido à minha aparência física",  $F(1, 515) = 4.28, p < 0.05, \omega = .07$ .

#### *Diferenças Segundo o Estatuto Socioeconómico*

A caracterização do nível socioeconómico fez-se a partir do tipo de profissão dos pais. Foi escolhida a classificação utilizada no projecto português do "Work Importance Study" (Ferreira Marques, 1995), que está organizada em cinco níveis quanto ao estatuto socioeconómico, os quais conjugam a formação e autonomia no trabalho. A esta classificação adicionaram-se mais três níveis - Desempregados, Domésticos(as) e Não Classificados - de modo a conseguir uma caracterização mais completa dos participantes.

Relativamente ao nível socioeconómico do pai não se verificam diferenças estatisticamente significativas nas diferentes escalas do IPBC-R, nas subamostras do 9º e do 12º ano. Quanto à profissão da mãe, já é possível identificar diferenças significativas na escala de *Falta de Suporte*,  $F(7, 509) = 2.16, p < 0.05, \omega = .13$ , e na escala de *Conflito de Papéis*,  $F(7, 509) = 2.24, p < 0.05, \omega = .13$ . Comparações múltiplas *a posteriori* evidenciaram que, na escala de *Falta de Suporte*, os jovens cuja mãe está desempregada, têm médias de resultados significativamente superiores àqueles em que a mãe é dirigente de empresa ou quadro superior. Na escala de *Conflito de Papéis*, os

jovens com mães desempregadas esperam significativamente "mais conflito de papéis" do que os jovens em que as mães são dirigentes de empresa ou quadros superiores, administrativas ou trabalhadores qualificados.

*Diferenças segundo o grau de definição dos objectivos da carreira*

Na subamostra do 9º ano, as diferenças significativas entre as médias de resultados acontecem nas escalas de *Indecisão*,  $F(4, 483) = 17.25, p < 0.01, \omega = .34$ , de *Restrição de Oportunidades*,  $F(4, 483) = 4.24, p < 0.01, \omega = .16$ , e de *Falta de Interesse*,  $F(4, 483) = 2.49, p < 0.05, \omega = .11$ . Entre os jovens do 12º ano, observam-se diferenças significativas entre médias de resultados nas escalas de: *Indecisão*,  $F(4, 512) = 15.22, p < 0.01, \omega = .31$ , *Falta de Suporte*,  $F(4, 512) = 5.46, p < 0.01, \omega = .18$ , *Restrição de Oportunidades*,  $F(4, 512) = 4.17, p < 0.01, \omega = .15$ , *Falta de Interesse*,  $F(4, 512) = 4.00, p < 0.01, \omega = .15$ , *Limitações na Formação*,  $F(4, 512) = 3.58, p < 0.01, \omega = .14$ , e *Falta de Confiança*,  $F(4, 512) = 3.46, p < 0.01, \omega = .13$ .

A análise deste resultado também permitiu constatar dois padrões: 1) os jovens com objectivos da carreira menos definidos tendem a perceber mais barreiras ou a atribuir-lhes maior dificuldade; 2) nos dois níveis de escolaridade, tal como seria de esperar, os jovens com menor grau de decisão dos objectivos da carreira consideram significativamente mais a *Indecisão* como barreira, do que os seus pares com objectivos mais definidos.

*Diferenças segundo o grau de satisfação com os estudos*

Relativamente ao grau de satisfação com os estudos, nos participantes do 9º ano, só se verificam diferenças estatisticamente significativas para a escala de *Indecisão*,  $F(3, 484) = 3.74, p < 0.05, \omega = .13$ . Neste caso, são os jovens *algo satisfeitos* com os seus estudos que consideram, significativamente mais do que os *satisfeitos* ou os *muito satisfeitos*, a *Indecisão* como uma barreira da carreira.

Na subamostra do 12º ano, verificam-se diferenças significativas entre as médias de resultados nas escalas de *Falta de Suporte*,  $F(3, 513) = 2.73, p < 0.05, \omega = .10$ , *Restrição de Oportunidades*,  $F(3, 513) = 3.76, p < 0.05, \omega = .13$ , *Indecisão*,  $F(3, 513) = 7.32, p < 0.01, \omega = .19$ , *Falta de Confiança*,  $F(3, 513) = 3.34, p < 0.05, \omega = .12$ , *Falta de Interesse*,  $F(3, 513) = 2.83, p < 0.05, \omega = .10$ . Comparações múltiplas *a posteriori* evidenciaram o seguinte padrão: em todas as escalas referidas, os jovens *insatisfeitos*

com os estudos tinham médias de resultados significativamente superiores aos que evidenciavam graus moderados ou superiores de satisfação com os estudos.

*Estudo Comparativo da Percepção de Barreiras no 9º e no 12º ano*

Tendo em conta o nível de escolaridade dos participantes, verificaram-se diferenças significativas entre a média de resultados nas escalas de *Restrição de Oportunidades*,  $F(1, 1003) = 12,65$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .11$ , *Limitações na Formação*,  $F(1, 1003) = 5.06$ ,  $p < 0.05$ ,  $\omega = .06$ , *Saúde*,  $F(1, 1003) = 5.04$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .06$ , e *Falta de Suporte*,  $F(1, 1003) = 5.01$ ,  $p < 0.05$ ,  $\omega = .06$ , sempre favoráveis aos participantes que frequentam o 12º ano de escolaridade.

Na escala de *Restrição de Oportunidades*, os jovens do 12º ano consideraram significativamente mais do que os do 9º ano a generalidade das barreiras que a constituem: "Não ter oportunidades de progressão na profissão",  $F(1, 1003) = 22.70$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .15$ , "Ter dificuldade em planear a minha carreira devido à instabilidade na economia do país",  $F(1, 1003) = 9.63$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .09$ , "As perspectivas de emprego na minha área de formação serem pouco promissoras",  $F(1, 1003) = 7.74$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .08$ , e "As perspectivas de emprego na minha área profissional serem pouco promissoras",  $F(1, 1003) = 4.76$ ,  $p < 0.05$ ,  $\omega = .06$ . Por sua vez, na escala de *Limitações na Formação*, estas diferenças são no item: "Não ter as classificações escolares que me permitam frequentar o curso que desejo",  $F(1, 1003) = 18.11$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .14$ .

Na escala de *Saúde*, os itens em que os jovens do 12º ano se diferenciaram significativamente dos do 9º ano, foram: "Doença de familiares interferir com o trabalho/carreira",  $F(1, 1003) = 7.38$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .08$ , "Não ser capaz de lidar com as exigências físicas e emocionais da minha profissão",  $F(1, 1003) = 5.95$ ,  $p < 0.05$ ,  $\omega = .07$ , "Ter problemas de saúde que interferem com o trabalho/carreira",  $F(1, 1003) = 5.53$ ,  $p < 0.05$ ,  $\omega = .06$ .

Finalmente, na escala *Falta de Suporte*, os itens que significativamente diferenciaram jovens do 9º e do 12º ano, foram: "Não ter dinheiro para frequentar um curso ou formação profissional que desejo",  $F(1, 1003) = 29.91$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .16$ , e "Ter contratos de trabalho precários (por exemplo, trabalhar sem contrato, com contratos temporários, sem carreira definida, etc.)",  $F(1, 1003) = 14.44$ ,  $p < 0.01$ ,  $\omega = .12$ .

### **Discussão dos resultados**

Os resultados revelam que, independentemente do género, os participantes do 9º e do 12º ano de escolaridade têm representações realistas dos obstáculos à sua carreira. Esta consciência, possivelmente desenvolvida a partir de múltiplas vivências, entre as quais as escolares e familiares, leva-os a considerarem as limitações no acesso ao ensino superior, devidas às classificações escolares, e a precariedade do emprego ou a falta dele como as mais importantes barreiras ao seu desenvolvimento da carreira. O realismo destas representações é sustentado pelo paralelismo entre os resultados obtidos e os dados estatísticos sobre o ensino e o emprego em Portugal (Eurostat, 2007; Ferreira, 2006, INE, 2005). Os resultados obtidos também evidenciam uma acentuação da percepção de barreiras, do 9º para o 12º ano. Este resultado, aparentemente contraditório com o facto de os participantes que frequentam o 12º ano terem objectivos da carreira mais definidos do que os colegas do 9º ano, pode-se explicar pela conjugação de um conjunto de factores. Nos jovens do 12º ano, a maior maturidade psicológica em geral, a tendência para maior adesão ao papel de trabalhador (Afonso, 1987; Candeias 2000; Pires, 2003; Vale, 1997) e a proximidade da transição para o mundo do trabalho ou para o ensino superior podem ter contribuído para que a especificação dos objectivos da carreira seja acompanhada de mais planeamento da carreira (Cardoso, 2006) e, conseqüentemente, de uma percepção mais realista dos obstáculos à concretização dos mesmos. Do 9º para o 12º ano acentua-se significativamente a consciência das seguintes barreiras: "Não ter oportunidades de progressão na profissão", "Não ter dinheiro para frequentar um curso ou formação profissional que desejo", "Não ter as classificações escolares que me permitam frequentar o curso que desejo" e "Ter contratos de trabalho precários (por exemplo, trabalhar sem contrato, com contratos temporários, sem carreira definida, etc.)". Isto é, tendem a aumentar as preocupações com as dificuldades no acesso ao ensino superior e com a precariedade dos vínculos laborais.

Relativamente às diferenças de género na percepção de barreiras nos dois níveis de escolaridade, os resultados confirmam outros obtidos em Portugal (Cardoso & Ferreira Marques, 2001; no prelo) e no estrangeiro (Luzzo & McWhirter, 2001; McWhirter, 1997; Swanson & Tokar, 1991a; 1991b). As raparigas, apesar de terem maiores níveis de aspiração do que os rapazes, também tendem a considerar mais barreiras ou a atribuir-lhes maior grau de dificuldade. Neste caso, a discriminação sexual é a barreira significativamente mais considerada pelas raparigas, relativamente aos rapazes. Entre as raparigas, do 9º para o 12º ano, verifica-se ainda um crescendo da

importância da imagem corporal como possível limitador do seu desenvolvimento da carreira: "Ser discriminado no acesso ao emprego devido à idade" e "Ser discriminado no acesso ao emprego devido à minha aparência física". Os dados de anteriores investigações (Cardoso & Ferreira Marques, 2001; 2005) permitem colocar a hipótese de a percepção deste tipo de barreiras resultar da interiorização de exigências sociais para com a imagem corporal feminina, no geral (e.g. muita da publicidade relativa a dietas e a produtos de beleza são dirigidas ao público feminino), e com a constatação de que em muitas profissões se coloca este tipo de exigências às mulheres. Estes resultados, associados ao facto de as raparigas considerarem o assédio sexual a barreira da carreira mais esperada, permitem questionar quanto à importância das significações associadas à imagem corporal dos adolescentes, para o seu desenvolvimento da carreira.

Ainda no que diz respeito ao género, verificou-se que não houve diferenças significativas entre as médias de resultados na escala de *Conflito de Papéis*. Este resultado, contrastando com os anteriormente obtidos (Cardoso & Ferreira Marques, 2005), pode evidenciar a especificidade da percepção de barreiras em função dos grupos estudados mas também liberalização dos valores relativos à participação dos homens no papel familiar.

Quanto ao nível socioeconómico dos participantes, o facto de só nos jovens cujas mães estavam desempregadas verificar-se um acréscimo significativo da percepção de barreiras relativamente aos jovens cujas mães eram licenciadas, dirigentes de empresa e/ou quadros superiores, sugere: 1) a importância de dois salários no orçamento das famílias portuguesas (Ferreira, 2006) e a possibilidade do efeito do estatuto socioeconómico nas representações dos participantes ser mais evidente quando se comparam grupos em situações extremas quanto à sua condição económica. Em anterior investigação (Cardoso, Rodrigues & Vilar, 2004), utilizando os mesmos critérios para classificação do estatuto socioeconómico, também verificámos o efeito desta variável demográfica em participantes com mãe desempregada; 2) a importância de se considerarem "grupos extremos" e a profissão do cônjuge quando se comparam grupos quanto ao estatuto socio-económico.

Os resultados também mostram que, nos dois níveis de escolaridade, os jovens com objectivos da carreira menos definidos e menos satisfeitos com os estudos frequentados tendem a ter maior percepção de barreiras e a considerar significativamente mais a indecisão vocacional como barreira da carreira. Este resultado, sugerindo a estreita relação entre o comportamento vocacional e o académico,

remete para as implicações práticas da investigação realizada. Neste caso, para a necessidade de se reforçarem as práticas de orientação vocacional nas escolas, de forma que a construção de projectos vocacionais possa contribuir para um maior investimento nas actividades académicas. Estas práticas, quando iniciadas nos primeiros ciclos de estudos, envolvendo a acção dos psicólogos escolares articulada com a dos professores e das famílias, podem facilitar a integração progressiva das aprendizagens escolares na construção de um projecto de desenvolvimento pessoal (Abreu, 2001). Os trabalhos de Luzzo e Hutcheson (1996), de Pinto (2002), de Pinto, Taveira e Fernandes (2003) são exemplos de estratégias infusivas de educação da carreira que podem facilitar um maior envolvimento com a escola e a aquisição de atitudes e comportamentos que facilitem a gestão dos obstáculos ao desenvolvimento da carreira. Pinto (2002) propõe que, no primeiro ciclo de estudos, se promova a curiosidade relativa ao desempenho de papéis actuais e futuros. No segundo ciclo de estudos, a intervenção visa motivar os participantes para o papel de estudante, valorizando a sua importância e significado no desenvolvimento pessoal, presente e futuro. No terceiro ciclo, faz-se a preparação da escolha vocacional que implica a opção por uma via de estudos no ensino secundário, de estudos profissionalizantes ou a transição para o mundo do trabalho. Finalmente, com os alunos do ensino secundário a ajuda foca-se na transição para o ensino superior ou para o mundo do trabalho. Para cada nível de escolaridade, o programa prevê actividades com estudantes, com pais e com professores.

Ao nível do aconselhamento da carreira, os resultados obtidos reforçam modalidades de intervenção que consideram as variáveis estudadas na promoção de sentimentos de agência pessoal face ao desenvolvimento da carreira. São exemplo, a perspectiva sócio-cognitiva (Albert & Luzzo, 1999; Betz, 1992; Brown & Lent, 1996; Luzzo, 2000; Sullivan & Mahalik, 2000) e a abordagem motivacional do desenvolvimento da carreira (London, 1998). Ambas partem da identificação das barreiras da carreira para a promoção de crenças (expectativas de auto-eficácia, expectativas de resultado e estilos atribucionais) mobilizadores de atitude favoráveis ao planeamento e exploração da carreira bem como de competências específicas de confronto com as barreiras. Com objectivos semelhantes, a abordagem narrativa ao aconselhamento da carreira, proposta por Mark Savickas (1998, 2005) sequencia de forma diferente o processo de ajuda. Parte da clarificação do auto-conceito para facilitar a formulação de objectivos da carreira. Depois, o indivíduo é ajudado a planear os

meios para atingir esses objectivos, o que implica a identificação das barreiras e a promoção de estratégias de confronto com as mesmas.

### **Conclusão**

O conjunto de resultados aponta para que o reduzido crescimento económico do país, associado às elevadas taxas de desemprego e de emprego precário, tenha paralelo nas representações que os jovens constroem da sua carreira no futuro. Os estudos realizados no âmbito deste projecto (Cardoso 1999; 2006; Cardoso & Ferreira Marques, 2001; 2005; no prelo) mostram que a generalidade dos participantes têm, desde cedo, a percepção de que as limitações no acesso ao ensino superior, a precariedade dos vínculos laborais ou a falta de emprego serão as mais importantes barreiras ao seu desenvolvimento da carreira. Para alguns, acresce a percepção de barreiras da carreira específicas do grupo de pertença, por exemplo, ser rapariga, pertencer a um nível socioeconómico mais baixo ou a uma minoria étnica. Estas representações contribuem para que a instabilidade que actualmente marca os percursos profissionais seja por muitos considerada factor de exclusão social em vez de desafio. Neste quadro, tendem a emergir sentimentos de desânimo e frustração, muitas vezes partilhados pelos educadores, que minam o valor da escola e do trabalho como possibilitador de um futuro melhor.

As suas dúvidas e incertezas são as de todos, tal como as respostas que se buscam. Nesse sentido, proponho práticas – de educação ou de aconselhamento da carreira – integradas no projecto educativo do adolescente ou do adulto - implicando um trabalho articulado entre todos os agentes educativos envolvidos. Estas práticas visam promover a autonomia e a confiança necessárias para transformar representações de vulnerabilidade face ao futuro incerto e precário por outras em que o próprio se vê como construtor do percurso que faz. Assim, apresentei exemplos de intervenções focadas em aspectos que consideramos fundamentais: ajudar à estruturação do significado do trabalho no projecto de vida de cada um, dar oportunidade para reflectir sobre a importância da formação realizada nesse projecto e promover atitudes e comportamentos que facilitem a gestão das barreiras da carreira.



**Referências**

- Abreu, M. V. (2001). Desenvolvimento vocacional e estratégias de motivação para aprendizagens persistentes. *Psychologica*, 26, 9-26.
- Afonso, M. J. (1987). *Estudo da maturidade vocacional e da saliência das actividades em estudantes do ensino secundário*. Trabalho de síntese apresentado nas Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Albert, K. A., & Luzzo, D. A. (1999). The role of perceived barriers in career development: a social cognitive perspective. *Journal of Counseling & Development*, 77, 431-436.
- Beck, U. (2005, 18 November). La dignité blessée des insurgés. *Le Figaro*. Acedido em 18 de Dezembro de 2005, de <http://www.yabiladi.com/article-societe-954.html>.
- Betz, N. E. (1992). Counseling implications of career self-efficacy theory. *Career Development Quarterly*, 41, 22-26.
- Brown, S. D., & Lent, R. W. (1996). A social cognitive framework for career choice counselling. *Career Development Quarterly*, 44, 354-366.
- Bulger, C. A., & Mellor, S. (1997). Self-efficacy as a mediator of the relationship between perceived union barriers and women's participation in union activities. *Journal of Applied Psychology*, 82, 935-944.
- Burlew, A. K., & Johnson, J. L. (1992). Role conflict and career advancement among African American women in non-traditional professions. *Career Development Quarterly*, 40, 303-312.
- Candeias, P. C. (2000). *Valores face a diferentes actividades e crenças de auto-eficácia em alunos do ensino secundário*, Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Cardoso, P. (1999). *Percepção de barreiras da carreira e atitudes face à exploração e planeamento na carreira em alunos do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Cardoso, P. (2006). *Percepção de barreiras da carreira em alunos do 9º e 12º anos de escolaridade: uma abordagem desenvolvimentista*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Departamento de Psicologia, Universidade de Évora.

- Cardoso, P. & Ferreira Marques, J. (2001). Percepção de barreiras da carreira em adolescentes e sua relação com as atitudes de planeamento e exploração da carreira, *Revista Portuguesa de Psicologia*, 35, 67-80.
- Cardoso, P., & Ferreira Marques, J. (2005, Setembro). Perception of career barriers: The importance of gender and ethnic variables. Comunicação apresentada na International Association for Educational and Vocational Guidance Conference, Lisboa, Portugal.
- Cardoso, P., & Ferreira Marques, J. (2007, Setembro). Perception of career barriers: A new instrument. Comunicação apresentada na International Association for Educational and Vocational Guidance Conference, Padova, Portugal.
- Cardoso, P., & Ferreira Marques, J. (in press). Perception of career barriers: The importance of gender and ethnic variables. *International Journal of Educational and Vocational Guidance*.
- Cardoso, P., Rodrigues, C., & Vilar, A. (2004). Prevalência de sintomas depressivos em adolescentes portugueses, *Análise Psicológica*, Série XXII/4, 667-675.
- Creed, P. A., Patton, W., & Bartrum, D. (2004). Internal and external barriers, cognitive style, and the career development variables of focus and indecision. *Journal of Career Development*, 30, 277-294.
- Doss, L. (2000, November 20). Women's foodservice forum study reveals main career barriers. *Nation's Restaurant News*, New York. Acedido em 14 de Janeiro de 2002, de <http://www.proquest.umi.com/pdqweb?TS=101543...>
- Eurostat (2007). Euro-indicators: news release 132/2007 - 2 October 2007. Acedido em 3 de Outubro de 2007, de <http://epp.eurostat.ec.europa.eu/portal/page?>
- Fabian, E. S., & Liesener, J. J. (2005). Promoting the career potential of youth with disabilities. In S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds), *Career Development and Counseling: Putting theory and research to work* (pp. 551-572). New York: John Wiley.
- Ferreira, V. S. (2006). A condição juvenil portuguesa na viragem do milénio, um retrato longitudinal através de fontes estatísticas oficiais: 1990-2005. *Observatório Permanente da Juventude*, Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Ferreira Marques, J. (1995). The Portuguese Work Importance Study. In D. E. Super, & B. Sverko (Eds.), *Life Roles, Values, and Careers. International findings of the Work Importance Study* (pp.181-187). San Francisco: Jossey Bass.

- Gomez, M. J., Fassinger, R. E., Prosser, J., Cooke, K. Mejia, B., & Luna, J. (2001). Vocês abriendi caminos (voices forging paths): A qualitative study of the career development of notable latinas. *Journal of Counseling Psychology, 48*, 286-300.
- Guichard, J., & Huteau, M. (2001). *Psychologie de l'orientation*. Paris: Dunod.
- Hall, D. T., & Mirvis, P. H. (1995). Careers as lifelong learning. In A. Howard (Ed.), *The changing nature of work* (pp. 323-361). San Francisco: Jossey Bass.
- Instituto Nacional de Estatística (2005). *Estatísticas do Emprego, 3º Trimestre de 2005*, Lisboa. Acedido em 25 de Novembro de 2005, de <http://www.ine.pt/prodserv/destaque/arquivo>.
- Jackson, M. A., & Nutini, C. D. (2002) Hidden resources and barriers in career learning assessment with adolescents vulnerable to discrimination. *Career Development Quarterly, 51*, 56-77.
- Juntunen, C. L., Barraclough, D. J. Broneck, C. L., Seibel, G. A., Winrow, S. A., & Morin, P. M. (2001). American Indian perspectives on the career journey. *Journal of Counseling Psychology, 48*, 274-285.
- Kenny, M. E., Blustein, D. L., Chaves, A., Grossman, J. M., & Gallagher, L. A. (2003). The role of perceived barriers and relational support in the educational and vocational lives of suburban high school students. *Journal of Counseling Psychology, 50*, 142-155.
- London, M. (1998). *Career Barriers: how people experience, overcome, and avoid failure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Luzzo, D. A. (1993). Ethnic differences in college students' perceptions of barriers to career development. *Journal of Multicultural Counseling and Development, 21*, 227-236.
- Luzzo, D. A. (2000). Identifying effective strategies for coping with career-related barriers. In M. Pope, & C. W. Minor (Eds.), *Experiential activities for teaching career classes and for facilitating career groups* (pp. 162-165). Tulsa, OK: National Career Development Association.
- Luzzo, D. A., & Hutcheson, K. G., (1996). Causal attributions and sex differences associated with perception of occupational barriers. *Journal of Counseling and Development, 75*, 124-130.

- Luzzo, D. A., & McWhirter, E. H. (2001). Sex and ethnic differences in the perception of educational and career-related barriers and levels of coping efficacy. *Journal of Counseling and Development, 79*, 61-67.
- McDermott, E. (1998). Barriers to women's career progression in LIS. *Library Management, 19*, 416-420.
- McWhirter, E. H., (1997). Perceived barriers to education and career: ethnic and gender differences. *Journal of Vocational Behavior, 50*, 124-140.
- McWhirter, E. H., & Hackett, G. (1997 August). *Causal models of the career commitment and aspirations of Mexican-American high-school girls*. Paper presented at the Annual Convention of the American Psychological Association, Toronto, Canada.
- Pais, J. M. (2003). *Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro* (2ª ed). Porto: Âmbar.
- Pinto, H. R. (2002). *Construir o Futuro* (Manual Técnico). Santarém: JHM Edições.
- Pinto, H. R., Taveira, M. C., & Fernandes, M. E. (2003). Os professores e o desenvolvimento vocacional dos estudantes. *Revista Portuguesa de Educação, 16*, 37-58.
- Pires, H. C. (2003). *Os valores e os papéis no desenvolvimento da carreira dos estudantes do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado não publicada. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Savickas, M. L. (1998). Career Style Assessment and Counseling. In Thomas J. Sweeney. *Adlerian counselling: A practitioner's approach* (4th ed., pp. 329-359). Muncie, IN: Accelerated Development.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds.), *Career Development and Counseling: Putting theory and research to work* (pp. 42-70). New York: John Wiley.
- Scragg, G., & Smith, J. (2003) A study of barriers to women in undergraduate computer science. *SUNY Geneseo*, Department of Computer Science, Geneseo, New York. Acedido em 20 de Maio de 2004, de <http://www.cs.geneseo.edu/~scragg/Papers/barriers%20to%20women.shtml>
- Sullivan, S. E. (1999). The changing nature of careers: A review and research agenda. *Journal of Management, 25*, 457-484.

- Sullivan, K. R., & Mahalik, J. R. (2000) Increasing career self-efficacy for women: evaluating a group intervention, *Journal of Counseling & Development*, 78, 54-62.
- Swanson, J. L., & Tokar, D. M. (1991a). College student's perceptions of barriers to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 38, 92-106.
- Swanson, J. L., & Tokar, D. M. (1991b). Development and initial validation of the Career Barriers Inventory. *Journal of Vocational Behavior*, 39, 344-361.
- Vale, I. M. (1997). *Participação, adesão e auto-eficácia em diferentes actividades de alunos do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.